

Vivências e Trajetórias das Professoras Aposentadas e Sindicalizadas de Campo Grande-MS

Lima, Maria Clara de Albuquerque¹
Junior, Renato Jales da Silva²

Resumo

Em geral, a sociedade reconhece a importância da escola pública e de seus profissionais para a formação de jovens e crianças no Brasil, mas o discurso produzido é de uma eterna crise subsidiada por avaliações internas e externas do processo de aprendizagem. As políticas públicas construídas por diferentes instituições do Estado apontam, quase sempre, para o problema da formação dos professores. Mais horas de estágio, mais disciplinas de prática, mais contato com as escolas, enfim, mais treinamento parece ser sempre o caminho a ser seguido para os que entram nos cursos de licenciatura. Estes diagnósticos e propostas dificilmente ouvem aqueles que estão diariamente no chão da sala de aula, os professores e as professoras, não para que deem soluções para os problemas, mas para que compartilhem suas vivências como contribuição para o debate sobre o aperfeiçoamento da prática escolar. Esta pesquisa partiu da minha inquietação diante das diversas reclamações que ouvi nas salas de professores enquanto realizava a disciplina de Estágio Obrigatório em História III, com diversas questões sendo pontuadas naquele ambiente, fui até o sindicato procurando entender o que estava causando a precarização da profissão e como ela estava afetando a mediação do conteúdo entre o professor e o aluno. Chegando no sindicato acabei me deparando com um grupo de professoras aposentadas que se reuniam semanalmente para conversar, realizar trabalhos manuais, jogar e vender produtos. Conversando brevemente com elas acabei entendendo a riqueza que seus relatos tinham e juntamente com meu orientador tivemos a ideia de entrevistá-las e entender qual era a história dessas mulheres, quem elas eram antes de se tornarem professoras, processo de formação, o que as levou para a sala de aula, primeiros anos na docência, suas avaliações sobre o espaço escolar, relação com os dirigentes, comunidade escolar e as memórias. O diálogo com as professoras não tem como objetivo encontrar soluções para o que muitos chamam de "crise na educação", mas amplificar as vozes de quem já esteve na sala de aula e lutou em prol da educação e da valorização da profissão. Entender como veem a relação com os alunos, como trabalharam com o material didático que receberam, como lidaram com as pressões da sociedade, como avaliaram a importância dos seus ofícios, enfim, olhá-las como protagonistas destas práticas.

Palavras-chave: Educação; Narrativas; Cultura Escolar

Introdução

Este artigo apresenta uma pesquisa em história oral com professoras da rede pública aposentadas e sindicalizadas da cidade de Campo Grande no Mato Grosso do Sul. Inicialmente

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

² Professor Adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

o objetivo da pesquisa era entender como a precarização da educação estava afetando na mediação do conteúdo dentro de sala de aula porém ao buscar o sindicato para entender o que era de fato a precarização acabamos nos deparando com um grupo de professoras aposentadas que se reuniam toda quarta e sexta no sindicato para momentos de lazer e realização de trabalhos manuais como o crochê. Analisando a riqueza das memórias docentes, mudamos o foco da pesquisa para a escuta de quem já esteve dentro da sala de aula e como suas trajetórias poderiam auxiliar na construção de uma valorização de reconhecimento do trabalho delas.

Durante todos os anos de graduação me deparei com diversos dilemas sobre a educação pública, diversas vezes em disciplinas de Prática de Ensino em História participei de debates que envolviam a desvalorização da educação, dos professores e como o avanço dos ideais neoliberais enfraqueciam o discurso sobre um ensino não técnico. Enquanto estamos nos atentando a teoria, fica difícil assimilar o que realmente configura essa precarização e só conseguimos ter um contato com a realidade quando começamos a cursar as disciplinas de Estágio Obrigatório em História, essas disciplinas mencionadas garantem que nós acadêmicos das licenciaturas tenhamos um contato com o que é discutido na teoria e o que acontece na prática.

Quando iniciei os estágios de observação acabei passando por um processo de desilusão com a profissão, a escola não era do jeito que os livros e artigos sobre didática tratavam e os professores pareciam sempre exaustos. Ainda nos estágios, mas desta vez tendo a experiência da regência com turmas de Ensino Fundamental II, acabei passando bastante tempo entre as aulas frequentando a sala dos professores e pude analisar os seguintes pontos: os professores estavam cansados de burocracias excessivas solicitadas pela Secretaria Estadual de Educação (SED-MS); muitos professores trabalhando em jornada tripla (Matutino, Vespertino e Noturno) para conseguirem manter uma qualidade de vida digna; muitos professores tomando medicamentos controlados e fazendo acompanhamento psicológico e psiquiátrico para lidar com o estresse; professores que relataram intimidações de familiares de alunos que não concordavam com o que estava sendo trabalhado em sala de aula e diversas outras formas de violência que afligiam esses docentes.

Pensando nos pontos que coletei na experiência do estágio, compartilhei todas essas vivências com os colegas que estavam sendo orientados pela mesma professora que eu, mas que estavam em diferentes escolas de diferentes regiões da cidade. A maioria dos colegas relataram experiências iguais ou semelhantes com as minhas e acabamos confessando entre nós o quanto essa realidade nos desanimava em seguir com a profissão, a partir dessas confissões

comecei a me questionar algumas situações. Se todo esse quadro de precarização da educação refletido na sala dos professores estava afetando nós que estávamos ali de duas a três vezes por semana, no que esse mesmo quadro estava afetando os alunos que estavam ali todos os dias?

Levando em consideração que eu estava tentando entender como a precarização estava afetando o ensino, meu primeiro passo foi procurar a ACP-MS (Sindicato³ Campo-grandense dos Profissionais da Educação Pública) para saber quais eram as demandas que estavam sendo levantadas pelos filiados. Chegando lá tive uma conversa com o secretário geral que confirmou que as minhas observações eram pautas de luta do sindicato e me apresentou outros problemas como: baixo número de professores efetivos nas redes estaduais e municipais de educação; pouca adesão ao sindicato das gerações mais novas de professores; a falta de concursos públicos e outras diversas demandas.

Em seguida fui apresentada a um grupo de professoras aposentadas que se reúnem toda quarta e sexta para socializar, aprender trabalhos manuais como o crochê e vender doces e salgadinhos caseiros, o pouco tempo que passei conversando com elas na minha primeira ida ao sindicato já foi suficiente para perceber a riqueza das histórias que sempre começavam com: “quando eu tinha a sua idade...” e nunca terminavam. Sendo assim, acabei levando a minha pesquisa para o lado da escuta dessas mulheres, não descartando a ideia de discutir a precarização, mas sim escutando as vivências de quem já esteve no mesmo barco dos professores que atualmente estão lidando com os dilemas da precarização da profissão.

Os diálogos com estas professoras mudaram o enredo do trabalho, que passou a focar na análise das narrativas das professoras aposentadas e sindicalizadas de Campo Grande - Mato Grosso do Sul. É importante salientar que não estamos falando em abarcar todas as representações e visões sobre o ofício das professoras aposentadas, mas a partir de algumas entrevistas para entender um espectro representativo.

A metodologia que me inspirou na produção deste artigo tem como base os critérios de História Oral⁴ propostos por José Carlos Sebe B. Meihy e Suzana L. Salgado Ribeiro na obra *Guia Prático de História Oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*, conta com a ideia de E. P. Thompson de uma “história vista de baixo”⁵, perspectiva elaborada por intelectuais ingleses de tradição marxista que queriam incluir visões de mundo de gente comum, trabalhadores e trabalhadoras frequentemente esquecidos pela historiografia tradicional.

³ Agrupamento de uma classe profissional para defesa dos seus interesses econômicos, trabalhistas e sociais.

⁴ História Oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas e o uso futuro dessas entrevistas.

⁵Thompson, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. Paz e Terra, 2002.

Também existe diálogo com a obra de Alessandro Portelli⁶ que reforça como os trabalhos em história oral devem ter um olhar mais humanizado que compreenda que não estamos dando vozes aos sujeitos e sim ampliando as vozes de grupos que geralmente estão marginalizados na sociedade.

Por fim, dialogamos com Amanda Oliveira Rabelo e Jane Soares de Almeida para pensarmos sobre o alto número de mulheres trabalhando nas áreas da educação, em particular na educação infantil e como essa “maternalização da educação” reduz a importância da docência como um trabalho e coloca como comum e natural, especialmente para mulheres.

Ainda sobre as entrevistas, gostaria de salientar que acreditamos no encontro dialógico entre pesquisador e entrevistado, um encontro dialógico entre pesquisador e entrevistado, um encontro que toma como primeira regra o respeito, como salienta Portelli:

Neste contexto, compromisso com a honestidade significa para mim, respeito pessoal por aqueles com quem trabalhamos, bem como respeito intelectual pelo material que conseguimos; compromisso com a verdade, uma busca utópica e a vontade de saber “como as coisas realmente são”, equilibradas por uma atitude aberta às muitas variáveis de “como as coisas podem ser”⁷

Utilizei o conceito de colaboração que entende que não sou eu me apropriando das narrativas delas, somos nós juntas quem construímos essa história, cada uma com seu ponto de vista e bagagem de vida, além disso, foi utilizado o recurso da transcrição, movimento em que o diálogo é convertido do modo oral para o escrito com o intuito de uma melhor fluidez e coerência textual. Esse material tentou recolher a trajetória dessas professoras desde a época em que eram alunas, depois professoras e atualmente aposentadas, foram realizadas ao todo 06 entrevistas com o tempo médio de 40 minutos porém por consequência da grande riqueza das informações eu decidi trabalhar profundamente com duas trajetórias de vida que se afastam e se encontram em diversos momentos, são elas as professoras Olinda Conceição da Silva e Madalena Pereira da Silva.

Olinda: luta, política e compromisso

A professora Olinda é uma mulher negra oriunda de uma comunidade ribeirinha de Nioaque no interior do Mato Grosso do Sul, durante sua infância estudou na escola rural (atualmente chamada de educação do campo) e ao longo de suas falas sempre traz um contexto histórico do momento que está narrando, movimento que auxilia na imersão da história que está

⁶ Portelli, Alessandro. "História oral como arte da escuta." *São Paulo: Letra e Voz* (2016): 24.

⁷ KHOURY, Yara Aun. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004

sendo contada e expõe uma memória afetiva com momentos em que suas habilidades eram estimuladas e visualizadas para além do ambiente da sala de aula.

Um exemplo da constante contextualização histórica foi quando Olinda lembrou do nome da escola que estudava, Escola Estadual Tenente Antônio João, e em seguida citou uma frase do mesmo: “Sim tem no hino, ele diz: ‘sei que morro, mas o meu sangue, o sangue de meus companheiros, servirá de protesto solene contra a invasão da minha pátria”. Então o nome da nossa escola era Tenente Antônio João.”⁸

Quando estimulada a contar um pouco mais sobre como era em seu tempo como estudante, Olinda relata que não era a melhor aluna, que não tinha muita disciplina dentro de sala de aula mas em compensação tinha muita disciplina nas práticas esportivas e culturais relacionadas à escola e à cidade.

[...] eu jogava, lá tinha muito, era muito incentivado a gente a participar do esporte. Eu era muito boa no handebol, muito boa na corrida. Lá tinha o JEPRIN (Jogos Estudantis da Primavera de Nioaque) que então eu participava muito do JEPRIN, desfile que tinha 7 de setembro, Dia da Bandeira, no dia do Aniversário da Cidade, a gente tinha que desfilar, então passava pelo exército, por todas as crianças das escolas, eu também tocava muito fanfarra... eu gostava de tocar na fanfarra, toquei quase todos os instrumentos que tinham lá da fanfarra na época [...] ⁹

O caminho para a docência não ocorreu de forma livre e espontânea, na verdade, era a única opção: “todos nós saíamos de lá e íamos direto para o magistério”¹⁰, sem direito a escolha e ainda muito nova, Olinda acreditava até que não seria uma boa professora já que não tinha um bom histórico com disciplina em sala de aula, porém após a conclusão do magistério ela começou a lecionar na catequese¹¹ e acabou estabelecendo um vínculo com a comunidade, tanto da igreja quanto do bairro em geral. Sua trajetória até a formação no ensino superior foi longa e envolveu desde uma candidatura política que não foi bem-sucedida até a alfabetização de crianças nos assentamentos de Nioaque. Anos após sua formação no magistério, Olinda se formou em Letras de um jeito nada convencional.

[...] eles (FETEMS¹²) fizeram um vestibular fora de época para começar a estudar em Jardim, então todos os professores que quisessem estudar em Jardim nas férias participassem do vestibular, eu fiz o vestibular para língua portuguesa e eu passei e fui estudar em Jardim, então todas as nossas férias de julho e de janeiro eram em Jardim fazendo as chamadas “parceladas”, eu fui

⁸ Entrevista realizada com a professora Olinda em junho de 2025

⁹ Idem

¹⁰ Idem

¹¹ Explicação de doutrina social ou religiosa.

¹² A sigla FETEMS faz referência à Federação dos Trabalhadores em Educação do Mato Grosso do Sul.

fazendo as parceladas lá, estudando língua portuguesa até os anos 90, acho que 92 por aí eu terminei a faculdade porque demorou a chegar, não tinha formação e aí, em 94 nós terminamos aqui na federal de Campo Grande e assim foi minha formação[...]¹³

As “parceladas” consistiam em disciplinas realizadas somente nas férias do meio e do final do ano, possibilitando a formação no ensino superior para profissionais que só tinham o magistério como formação e já exerciam a profissão, o que gerava uma formação acadêmica precária. Olinda demonstra durante toda a entrevista um letramento político muito esclarecido, fato que me levou a indagá-la sobre sua participação no sindicato e sobre onde havia surgido essa consciência.

A preferência dela por escolas em regiões periféricas e ditadas como violentas demonstrava uma sede de mudança que, conforme seus relatos, se manifestou desde a sua infância já que quando morava em Nioaque passou por situações que acionaram um sentimento de revolta e questionamento enquanto a cidade era comandada por militares e o Brasil estava passando pelo regime da ditadura civil-militar.

[...] aquele ônibus verde que passava pegando aquelas crianças dos militares pra levar na escola e entregar a tarde enquanto os filhos dos pobres que moravam mais afastados tinham que ir a pé, ir e voltar sabe? Aquele ônibus era pago com dinheiro público, então não tem outro jeito, você tem que ter consciência do que é uma coisa e do que é outra, é importante saber diferenciar, tem que estudar né, que é o que você tá fazendo, estudando[...]¹⁴

No que diz respeito ao sindicato, a professora uniu sua consciência política de vida ao seu trabalho e afirmou que desde que assumiu seu primeiro concurso em Campo Grande está filiada à ACP, além de ter participado ativamente das manifestações e reivindicações realizadas pelo sindicato desde então. Olinda participou de lutas por merenda escolar para todos os alunos e pela distribuição de livros didáticos nas escolas juntamente com a UNE (União Nacional dos Estudantes) e a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas¹⁵). Suas experiências envolvendo escolas da periferia de Campo Grande englobam desde problemas estruturais da educação até problemas externos, as violências que cercavam essas escolas periféricas foi a principal causa do falecimento de alunos de Olinda, ela também conciliava o trabalho nessas escolas junto com projetos sociais.

[...] eu fiquei assim uns 2 anos trabalhando na escola e também trabalhava num projeto fora da escola chamado projeto PALMAS, porque daí o Pedro Kemp já era o nosso secretário de educação mas antes de ele ser secretário de

¹³ Entrevista realizada com a professora Olinda em junho de 2025.

¹⁴ Idem

¹⁵ O termo “estudantes secundaristas” refere-se aos estudantes que fazem parte do Ensino Médio.

educação, tinha um projeto que chamava PALMAS (Projeto de Alfabetização de Mulheres Adultas) e como eu vinha do assentamento e conhecia muita gente, eu cheguei aqui e já fui trabalhar com esse grupo de mulheres, que no caso a Cida Gonçalves que era ministra era quem coordenava esse projeto. Eu trabalhava durante o dia alfabetizando essas mulheres fora da escola, geralmente era debaixo de árvore, onde tinha um espaço a gente reunia de 15 a 20 mulheres e trabalhava com a alfabetização, e eu trabalhava de manhã na escola né, de 07^o e 08^o e de noite eu fui direto pro ensino médio porque na época não existia esse negócio de “objeto de concurso”, eu podia escolher e como tinha falta de professor eu assumi o ensino médio já com literatura e língua portuguesa. [...] ¹⁶

Seu compromisso em reforçar a importância da educação como um movimento revolucionário não tem relação somente com sua trajetória política na luta por maior valorização, tem relação em observarmos que a educação foi revolucionária para sua vida, a educação lhe deu a oportunidade de mudar sua trajetória como pessoa.

Olinda foi na contra-mão do destino que era determinado pela sociedade para uma mulher negra e por meio da docência alcançou sua liberdade, não só no aspecto monetário por não depender de um marido para pagar suas contas, característica comum para as mulheres da sua época, mas também no aspecto de tomada de decisões, ela foi casada e por opção pessoal, não teve filhos. A decisão de não querer ter filhos demonstra mais coragem do que se pensa, ainda mais sendo professora, uma profissão constantemente associada às mulheres, que sempre são colocadas em posições e profissões que exigem “mais cuidado”. A atividade do magistério foi e ainda é tratada por muitos como um “dom” ou “vocação” feminina, associando geralmente ao fato da mulher gerar bebês com a função de cuidar de crianças; função sempre ligada à feminilidade, à tarefa de educar e socializar os indivíduos desde a infância. (RABELO, 2007)¹⁷

Apresentei a ela um estímulo questionando o que estava faltando na educação atualmente e sem hesitar ela me respondeu: “Primeiramente, tá faltando consciência de classe”¹⁸ e prosseguiu destrinchando sobre o esvaziamento dos sindicatos pelas atuais gerações de professores e a importância de reconhecer que os direitos que foram concedidos até a atualidade foram resultados de muita luta sindical dos anos anteriores, Olinda destacou também sobre como o discurso disseminado pela população de que “antigamente era mais fácil dar aula” não passa de uma falácia e que a escola é um reflexo da sociedade.

¹⁶ Entrevista realizada com a professora Olinda em junho de 2025

¹⁷ RABELO, Amanda Oliveira. "A mulher e docência: historicizando a feminização do magistério." *Revista do Mestrado de História, Vassouras* 9.9 (2007): 41-53.

¹⁸ Entrevista realizada com a professora Olinda em junho de 2025

[...] eu sempre falo isso e as pessoas que estão de fora não entendem e acham que a escola virou bagunça, ficam naquela ideia do “Antigamente”, o antigamente parecia ser bom, mas não eram todas as crianças que tinham acesso às escolas, quantos analfabetos nós temos no Brasil até hoje porque não tinha escola pra todo mundo? Então é por aí [...] ¹⁹

Em relação a sua didática, Olinda trata o diálogo com os alunos como peça central na manutenção do respeito e do bom andamento das aulas. Ressaltou ainda, a importância do compromisso com o profissionalismo envolvendo planejamentos de aula e cumprimento de horários, além de deixar claro que sempre foi firme na cobrança da realização de atividades pelos alunos, mas flexível tendo em vista as particularidades pessoais de cada aluno.

Estas histórias contadas por Olinda mostram o movimento das memórias nas narrativas orais, como nos lembra Portelli²⁰, “o caminho do pesquisador se cruza como o caminho do narrador em momentos imprevisíveis”, neste caso encontrei Olinda aposentada da sala de aula e trabalhando no sindicato. Esta convivência com a instituição pode ter produzido esta consciência da falta de adesão dos professores e da importância da Educação para a transformação da sociedade.

Portelli nos alerta, também, que “o momento da vida em que a história é contada é um fato crucial na sua moldagem”, portanto precisamos entender que a reconstrução de sua história como docente, sua visão crítica dos processos históricos tem relação com suas experiências e o diálogo com os colegas no espaço sindical. Quando uma pessoa se prepara e nos relata sobre sua vida, ela inconscientemente projeta sua imagem neste relato, movimento também chamado de performance por Meihy²¹ além da interferência do espaço, já que as entrevistas foram realizadas dentro do sindicato. Ela tem consciência que está contando para uma pesquisadora que transformará seu relato em documento histórico e este circulará dentro e fora do espaço acadêmico.

Madalena: luta, amor e coragem.

A outra entrevistada, Madalena, é uma mulher branca oriunda de uma fazenda no interior do estado, mais especificamente no distrito de Pouso Alto. Viveu na fazenda até os 16 anos e foi alfabetizada aos 14 anos quando seu pai contratou uma professora para alfabetizar

¹⁹ Idem

²⁰ PORTELLI, Alessandro. ‘O momento da minha vida’: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et. al. (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’Água, 2004, p. 296-313

²¹ MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011

ela e os cinco irmãos. Por ser a mais velha sempre auxiliou seus irmãos, além disso, teve experiências ajudando a professora na escola da fazenda, já que não existiam cargos administrativos para auxiliá-la.

[...] só tinha a professora na escola, não tinha nenhum funcionário administrativo, não tinha nada. Então no final de semana a professora convidava quem podia ir na escola ajudá-la a limpar a escolar, organizar, eu ia, a gente de manhã limpava a escola e à tarde ajudava ela a corrigir os cadernos das crianças do matutino, e aí ela deixava eu corrigir, porque eu já era alfabetizada, e eu achava muito legal escrever parabéns, você é capaz, então ali né, com os 16 pra 17 anos, corrigindo caderno naquela escolinha da zona rural, eu decidi ali que eu queria ser professora [...]²²

Após sair da fazenda, Madalena morou em Três Lagoas²³ por um tempo e em seguida veio para Campo Grande para fazer a EJA²⁴ já que em Três Lagoas não tinha essa modalidade e ela queria terminar o ensino básico mais rápido. Ela chegou à capital no dia 03 de janeiro de 1982 somente com a quinta série e no dia 14 de dezembro de 1989 colocou grau no curso de Pedagogia da FUCMAT²⁵.

Durante toda a sua fala, Madalena exalta a importância da educação e demonstra ter muito orgulho e amor pela sua profissão, característica também encontrada nas narrativas apresentadas pela professora Olinda. Porém, diferente do outro relato, Madalena entrou para o sindicato por influência do movimento estudantil na qual ela fez parte durante seu período na graduação. Ela foi integrante do diretório acadêmico²⁶ do seu curso e teve a oportunidade de participar de um congresso da UNE²⁷, sua movimentação dentro da militância e a precarização da educação na época foram essenciais para compreensão da importância da filiação ao sindicato.

Analisar narrativas de professoras aposentadas além da riqueza das histórias e dos detalhes, traz consigo um grande desafio: a memória. Durante o Encontro Regional Sul da ABHO²⁸, tive a oportunidade de ouvir o Professor Dr. Ricardo Santhiago na mesa de encerramento do evento e a sua fala “os grandes frutos dos trabalhos em história oral são as

²² Entrevista realizada com a professora Madalena em junho de 2025

²³ Município no interior do Mato Grosso do Sul, próximo a divisa com o estado de São Paulo.

²⁴ A sigla EJA refere-se à Educação de Jovens e Adultos, programa que visa formar no ensino básico, jovens e adultos em um menor período de tempo.

²⁵ A sigla FUCMAT refere-se às Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso que atualmente se chama UCDB - Universidade Católica Dom Bosco.

²⁶ Organização universitária responsável por receber e propor soluções para problemas apresentados pelos acadêmicos dentro da instituição.

²⁷ A sigla UNE refere-se à União Nacional dos Estudantes.

²⁸ A sigla ABHO refere-se à Associação Brasileira de História Oral.

relações” me trouxe uma nova perspectiva na leitura das transcrições. Antes, durante e depois da realização das entrevistas pude observar uma espécie de admiração delas comigo, mas não porque eu estava ali buscando uma aprovação delas e sim porque elas estavam sendo ouvidas.

É explícito nas entrevistas como elas têm discernimento sobre a importância social de seus trabalhos, mas narrar isso para o outro entrega a elas um novo ponto de vista sobre elas mesmas. Madalena inclusive expõe isso:

[...] E tô muito feliz por você, uma acadêmica de História estar me entrevistando, porque com certeza você será uma grande professora, vai fazer diferença na vida de muitos alunos, de muitos estudantes, porque eu tenho certeza que eu fiz a diferença na vida de muita gente, eu tenho esse feedback, eu vou na feira lá no bairro Universitário, aos domingos eu vou a feira, aí encontro aqueles rapazes, homens, mulheres com os filhinhos, e falam para os filhos “a Mada foi minha professora”, “a Mada foi minha diretora”, “graças a ela, porque ela não desistiu de mim, hoje eu tô aqui pra contar a história”. Então eu falo pros jovens que estão começando, que a gente tem que dar o melhor da gente, você decidiu ser professora? seja a melhor professora, faça a diferença na vida das pessoas, porque só a educação transforma.[...]

29

A educação transformou a vida de Madalena, não somente na profissão, foi por meio da educação que ela conquistou sua liberdade, ela teve um ensino considerado precarizado perto dos padrões que geralmente são estipulados, foi alfabetizada na adolescência e se formou pela Educação de Jovens e Adultos, caminho nada convencional mas que permitiu que ela alcançasse seu objetivo afinal e passasse toda a sua carreira se dedicando a mesma instituição.

[...] eu fiquei 28 anos na escola né, na escola, eu não sei se eu já posso falar agora, na escola eu fiz de tudo, quando eu assumi o concurso, eu assumi na EMEI³⁰, que na época era CEINF³¹, era creche, aí eu fiquei dois anos na creche e depois fui pra escola Elvira, lá no bairro Santo Eugênio³², lá eu fui professora, coordenadora pedagógica, diretora, diretora adjunta, e fiquei 26 anos nessa mesma escola.[...]³³

Madalena possui mais de 30 anos de filiação no sindicato e atualmente é secretária educacional e coordena os cursinhos preparatórios para os concursos e processos seletivos do estado e do município, fato que mostra que mesmo aposentada do ensino básico, ela ainda permanece na sala de aula, mas dessa vez orientando professores. Sua luta sindical foi marcada por manifestações em frente a órgãos públicos e um constante trabalho de base nas escolas, compartilhando com outros colegas professores a importância da filiação e enfatizando como

²⁹ Entrevista realizada com a professora Madalena em junho de 2025.

³⁰ A sigla EMEI refere-se às Escolas Municipais de Educação Infantil

³¹ A sigla CEINF refere-se aos Centros de Educação Infantil que atualmente são conhecidos como EMEI.

³² Bairro periférico na Zona Leste de Campo Grande - MS

³³ Idem nota 27

era difícil trabalhar e não saber quando iriam receber, situações que ocorriam com frequência a alguns anos atrás.

Concordando com o ponto de vista da professora Olinda, Madalena também relatou que percebe um desânimo muito grande em relação às questões sindicais quando encontra essa nova geração de professores.

[...] É outros tempos, e esses tempos, eu não sei, eu acho que tem que ser pessoas como você, que tem que contagiar, porque esses que chegaram aí estão meio desanimados. E eu me preocupo com isso. Estão meio desanimados também com a questão sindical. Sabe, assim, falar, “o que eu ganho de estar afiliada?” Você ganha luta. É aqui que a gente luta. É o sindicato que melhora, que luta [...] ³⁴

Fato que nos faz questionar o quanto o avanço do neoliberalismo³⁵ pode estar afetando as relações atualmente, Madalena relata que quando fez suas visitas chegou a presenciar professores despreparados, sem noções básicas de planejamento de aula e quando era professora presenciou uma situação onde diversos alunos de uma classe se organizaram e realizaram um abaixo-assinado para tirar uma professora que segundo os alunos, não dava aula e só falava da vida dela.

[...] Eu chamei o Líder para saber o que estava acontecendo. E aí você fala assim, “olha, então está faltando a postura do professor”. Porque eu sempre falava para eles, enquanto diretora. Aquela semana pedagógica, que é a primeira semana de aula, falando da escola. Falava, “aqui é uma escola pública, mas nós somos servidores públicos, nós estamos aqui para trabalhar para vocês. Vocês são o nosso cliente. Cada professor que entra aqui tem que dar a melhor aula”. Porque aqui, eu falava isso, e é uma escola lá, na época o bairro era considerado favela. Eu falava, “porque essa aqui é a melhor escola de Campo Grande, porque vocês são os melhores alunos. Então cada professor que está aqui tem que dar a melhor aula. É a nossa função. Nós somos servidores públicos e vocês são o público”. E aí quando o aluno entrou, eu falei, “mas como assim? Você não fala para a gente que o professor tem que dar a melhor aula? A professora está falando da vida dela, está mandando entrar no Instagram dela para ver as fotos da viagem dela. Não, não queremos essa professora não, nós queremos a aula”. Aí você fica, olha, então assim, quando você entra na sala, você tem que ter muita clareza do planejamento, do seu objetivo, o que você quer alcançar. [...] ³⁶

Ainda é muito presente na fala de Madalena como ela sempre esteve na condição de cuidadora desde a sua infância e como isso a condicionou para o trabalho docente. Como Rabelo³⁷ aponta em seu artigo:

Mesmo quando a mulher entra no mercado de trabalho, essa noção de controle está implícita nas atividades que ela exerce. Podemos perceber isso na afirmação de Bruschini e Amado (1988, p.6)³⁸: “De uma forma velada, o controle da sexualidade

³⁴ Entrevista realizada com a professora Madalena em junho de 2025.

³⁵ Neoliberalismo é a forma moderna do liberalismo que permite uma intervenção limitada do Estado.

³⁶ Entrevista realizada com a professora Madalena em junho de 2025.

³⁷ RABELO, Amanda Oliveira. A mulher e docência: historicizando a feminização do magistério. *Revista do Mestrado de História*, Vassouras, v. 9, n. 9, p. 41-53, 2007.

³⁸ BRUSCHINI, C.; AMADO, T. Estudos sobre mulher e educação. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 64, p.4-13, fev., 1988.

feminina justificaria, daí por diante, que mulheres trabalhassem com crianças, num ambiente não exposto aos perigos do mundo e protegido do contato com estranhos - especialmente os do sexo oposto” (RABELO, 2007)

É explícito como o sindicato é majoritariamente ocupado por mulheres, e não só os sindicatos. De acordo com o censo escolar³⁹ realizado pelo INEP⁴⁰, cerca de 79,5% dos docentes que atuam na educação básica são mulheres e 81,6% delas ocupam cargo de diretoras. Por mais que essas mulheres tenham sido condicionadas a escolherem essa profissão, isso não significa que elas não possuem amor pelo que fazem e como Almeida coloca:

Aplicam-se testes padronizados ou realizam-se entrevistas com o objetivo de desvendar na fala das professoras o sentido e o significado de conceitos como vocação ou missão, traduzidos também pelo gostar de crianças... e do magistério em si! Quando isso inevitavelmente ocorre, comumente utiliza-se um tipo de raciocínio que desqualifica ou desconsidera as afirmações feitas pelas entrevistadas, ignorando a possível verdade que pode estar escondida no discurso afetivo das professoras e procede-se ao seu dismantelamento atribuindo-se a este discurso a possibilidade de estar acobertando mecanismos ocultos de ideologização⁴¹ e dominação sexista⁴².⁴³ (ALMEIDA, p.75)

O amor delas pela profissão transborda e se mostra no empenho que elas têm com o sindicato, na preparação de festas para as filiadas, nas visitas realizadas às escolas da rede pública, nas expressões, nas realizações, vivências, trajetórias e mais do que tudo como mostra esse trabalho, na oralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Este trabalho teve a dura tarefa de refletir sobre o ofício de professora em escolas de Campo Grande. Dura porque o espaço escolar é complexo e permeado por diferentes práticas e valores culturais. A primeira dúvida do leitor deste artigo é sobre representatividade, isto é, como falar em ofício de professores em Campo Grande e trazer apenas duas entrevistas para o corpo do texto? Primeiro acreditamos que a historiografia já avançou e abandonou a ideia de encontrar uma História que dê conta da totalidade de qualquer processo, segundo a História Oral da qual nos filiamos entenda que toda narrativa é representativa e aponta possibilidade dentro de um universo de sujeitos.

³⁹ BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Básica 2023: notas estatísticas. Brasília, DF: Inep, 2024.

⁴⁰ A sigla INEP refere-se ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

⁴¹ Ato ou efeito de ideologizar ou de conferir carga ideológica.

⁴² O termo ‘dominação sexista’ refere-se à dominação masculina como violência simbólica que impõe e dissimula relações de força conforme pesquisa de Pierre Bourdieu. BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

⁴³ ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulheres na escola: algumas reflexões sobre o magistério feminino*. Cadernos de Pesquisa 96 (1996): 71-78

As trabalhadoras escolhidas trouxeram elementos muito ricos para pensar o objeto desta pesquisa e ampliar a compreensão que tinha quando levantei as primeiras questões. Durante a realização do projeto acreditei que o trabalho seria como as entrevistas realizadas em programas de entretenimento, afinal era essa a referência que eu tinha quando falava em entrevista. Porém, no decorrer do trabalho aprendi no diálogo com Alessandro Portelli, que a principal técnica deste modo de fazer pesquisa é a arte da escuta. Ouvir o outro praticando sua atenção plena no presente vai na contramão do rápido processamento e compartilhamento de informações que cerca nossas sociedades atualmente. O encontro geracional possibilitado por meio dessa pesquisa mostra que nossas principais agentes políticas, as professoras, passam por uma precarização que vai além do monetário, uma precarização de reconhecimento.

Em um sistema onde os professores raramente são escutados nas avaliações educacionais, ouvir essas mulheres torna-se revolucionário. Como Verena Alberti⁴⁴ pontua, o que documenta a fonte oral é a ação da memória, a repetição, o esquecimento, a improvisação. O diálogo com suas trajetórias me possibilitou visualizar o trabalho docente com outros olhos e me instigou a reforçar um olhar cuidadoso sobre o papel do profissional docente e suas subjetividades, fora da sala, quem escuta a professora?

Questões referentes ao patriarcado⁴⁵ sempre aparecerão quando o assunto são as mulheres, porém é importante enfatizar que o condicionamento à profissão docente não diminui a competência dessas profissionais e o amor que elas sentem ao contar suas histórias, essa eudaimonia⁴⁶ é a estrutura desta pesquisa.

No caminho desta pesquisa tivemos contato com outras fontes e outras questões surgiram. Entrevistei outras professoras, tive contato com material do sindicato, mas em função dos limites colocados neste artigo preferimos limitar a análise às duas professoras. Pelo alicerce da pesquisa chegamos à conclusão de que a escuta dessas mulheres é nada mais do que o exercício fundamental da história, como disse Heródoto de Halicarnasso, precisamos pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro. Com essa pesquisa, certificamos a importância do trabalho de história oral com as profissionais docentes para a construção de políticas que alcancem a valorização e o reconhecimento da docência como um trabalho legítimo e não uma atividade missionária.

Referências

⁴⁴ ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

⁴⁵ Tipo de organização social que a autoridade é exercida por homens.

⁴⁶ Palavra grega que significa felicidade alcançada por meio da virtude e da razão

- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulheres na escola: algumas reflexões sobre o magistério feminino*. Cadernos de Pesquisa 96 (1996): 71-78
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo da Educação Básica 2023: notas estatísticas*. Brasília, DF: Inep, 2024.
- BRUSCHINI, C.; AMADO, T. *Estudos sobre mulher e educação*. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 64, p.4-13, fev., 1988.
- CATEQUESE. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/catequese>>. Acesso em: out. 2025
- EUDAIMONIA. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/eudaimonia>>. Acesso em: out. 2025
- IDEOLOGIZAÇÃO. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/ideologizacao>>. Acesso em: out. 2025.
- KHOURY, Yara Aun. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.
- NEOLIBERALISMO. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/neoliberalismo>>. Acesso em: out. 2025.
- PATRIARCADO. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/patriarcado>>. Acesso em: out. 2025.
- PORTELLI, Alessandro. *História Oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- PORTELLI, Alessandro. 'O momento da minha vida': funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004. p. 296-313.
- RABELO, Amanda Oliveira. A mulher e docência: historicizando a feminização do magistério. *Revista do Mestrado de História*, Vassouras, v. 9, n. 9, p. 41-53, 2007.
- SINDICATO. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/sindicato>>. Acesso em: 29 out. 2025
- THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Tradução de Denise Bottmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 v.